

ANO 7 • N° 151

11 DE NOVEMBRO DE 2021

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

AS “ARMAS INVENCÍVEIS” DA RÚSSIA

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 151 • 11 de novembro de 2021

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Missil Hipersônico Zircon](#)

Por: Tass

Fonte: Tass News Agency

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Silvio Luis dos Santos

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

AMÉRICA DO SUL

Ana Laura Marçal Monsores (UFF)
Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université de Paris 3)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (UFF)
Ana Luiza Colares Carneiro (UFRJ)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Marina Soares Corrêa (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)



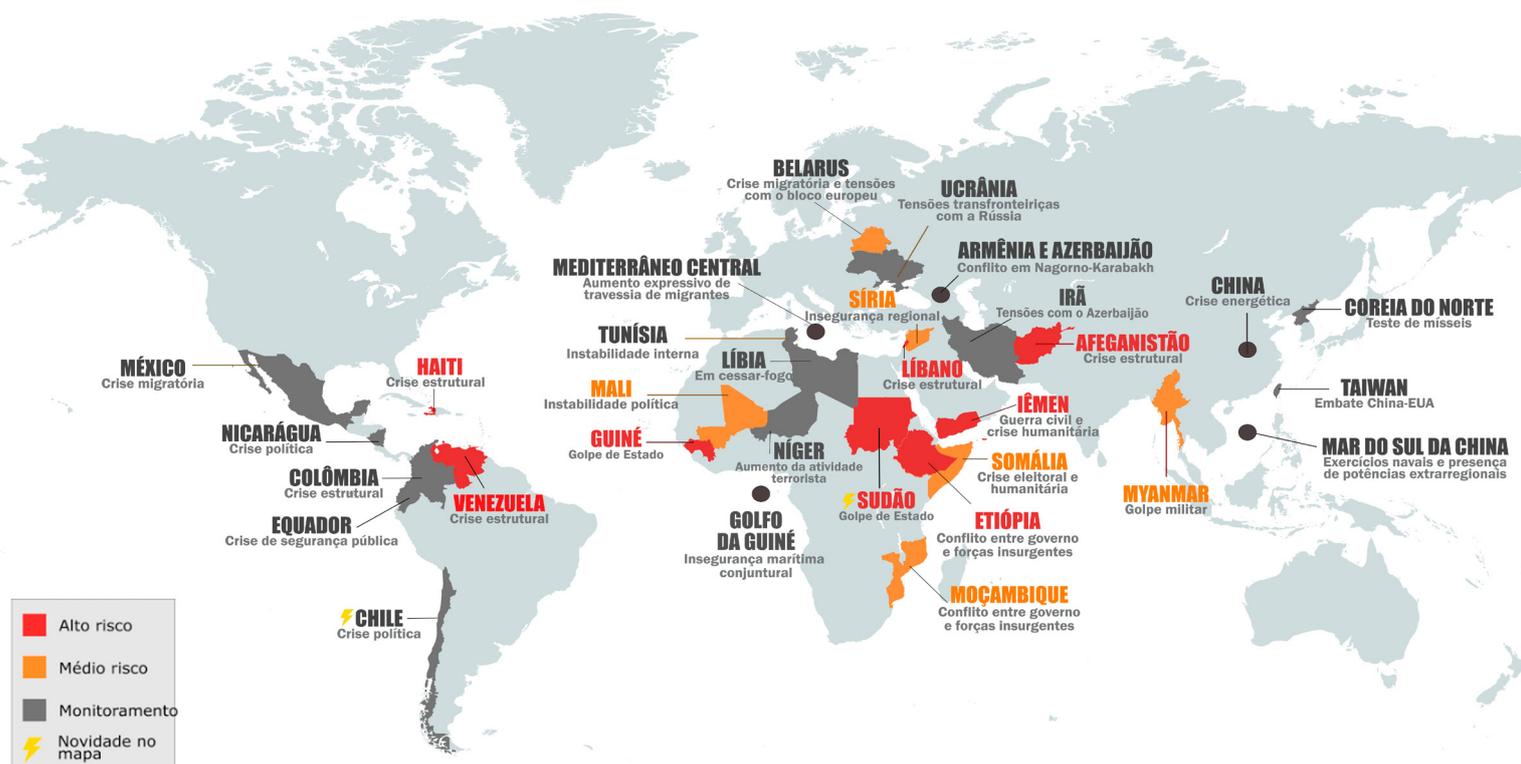
ÍNDICE

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		LESTE ASIÁTICO	
Disputas marítimas e o equilíbrio de poder na América Central	6	Taiwan e a possibilidade de um conflito militar com a China	14
Canadá e EUA: em busca de cibersegurança no sistema de transporte marítimo.....	7	A estratégia da indústria de defesa sul-coreana para se tornar uma potência em exportações	15
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Os desafios para os investimentos em transição energética na África	8	Preocupação ambiental indonésia e o G20	16
A disputa de fronteira marítima entre Quênia e Somália	9	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		Investimentos russos na Antártica: reconstrução da estação <i>Vostok</i> como manutenção de <i>status quo</i>	16
Crise e insegurança energética na Europa: causas e desafios	10	ARTIGOS SELECIONADOS & NOTÍCIAS DE DEFESA.....	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		18	
Os desafios enfrentados pelo Estado libanês na atualidade.....	11	CALENDÁRIO GEOCORRENTE.....	
RÚSSIA & Ex-URSS		18	
Oportunidades e desafios para as relações Rússia-Nigéria	12	REFERÊNCIAS.....	
As “armas invencíveis” da Rússia	13	19	
		MAPA DE RISCOS.....	
		20	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Isadora Novaes e Vitória França



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Our World in Data", publicado no dia 10 de novembro de 2021.

Por: Iasmin Gabriele e Victor Cabral



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Países	Total de doses aplicadas		População imunizada (%)*	Vacinas
	milhões	por 100 pessoas		
China	2.347	168	77%	●●●●●●●●●●
Índia	1.092	80	25%	●●●●●●●●●●
Estados Unidos	433.2	131	59%	●●●●●●●●●●
Brasil	289.9	134	57%	●●●●●●●●●●
Indonésia	206.6	76	30%	●●●●●●●●●●
Japão	193.1	153	75%	●●●●●●●●●●
México	128.4	101	49%	●●●●●●●●●●
Turquia	117.7	141	59%	●●●●●●●●●●
Paquistão	114.9	53	21%	●●●●●●●●●●
Alemanha	113.3	136	67%	●●●●●●●●●●

*Percentual da população totalmente imunizada

CanSino	●	Sinopharm/Beijing	●
Covaxin	●	Sinopharm/Wuhan	●
Johnson&Johnson	●	Sinovac	●
Moderna	●	Sputnik V	●
Oxford/Astrazeneca	●	ZF2001	●
Pfizer/BioNTech	●	EpiVacCorona	●

Fontes: Our world in data; The New York Times

Disputas marítimas e o equilíbrio de poder na América Central

Rafael Esteves

A estabilidade da América Central é crucial para o continente, que tem sido afetado por disputas históricas envolvendo questões territoriais e marítimas não resolvidas. Nesse sentido, em 27 de outubro de 2021, Nicarágua e Honduras assinaram um acordo que define as fronteiras marítimas de ambos os Estados no Golfo de Fonseca e no Mar do Caribe. Como esse tratado impacta as relações de poder entre os países envolvidos?

O *Tratado Integracionista del Bicentenario* é um pacto que Nicarágua e Honduras reconhecem como forma de trazer paz à região, resolvendo litígios marítimos, que são motivo de tensão entre esses países e El Salvador. O acordo prevê o reconhecimento das reivindicações hondurenhas no Golfo de Fonseca, na costa oeste, única ligação do país com o Oceano Pacífico, e nicaraguenses, na costa leste, no Caribe. É importante ressaltar que El Salvador foi convidado para as tratativas, porém não compareceu, possivelmente por divergências ideológicas com o Presidente de Nicarágua, Daniel Ortega.

Apesar das declarações de pacificação da região – que beneficiariam todos os três países que passam por crises institucionais e econômicas internas – o tratado deixa El Salvador em desvantagem na geopolítica regional, pelo enfraquecimento das suas demandas territoriais no Golfo de Fonseca frente às hondurenhas. Nota-se que Honduras

é um histórico rival salvadorenho, com ambos guerreando em 1969 e por militares do país ocuparem, desde 1983, a Isla Conejo, que pertencia a El Salvador.

Em sua parte caribenha, a Nicarágua garantiu o apoio de Honduras em sua reivindicação pelo arquipélago de San Andrés, frente à Colômbia. Ambos os países disputam essas ilhas desde o fim do período colonial, caso que foi levado à Corte Internacional de Justiça. Mesmo com apoio, a Colômbia ainda se beneficia, pois possui maior economia, forças militares e presença no Caribe. É válido destacar que o presidente nicaraguense, Daniel Ortega, foca nessas questões para desviar a atenção da população dos problemas econômicos, denúncias de abusos e acusações de manipulação das eleições presidenciais de 7 de novembro, nas quais foi reeleito com 75% dos votos para o quarto mandato consecutivo.

Conclui-se que o tratado assinado pela Nicarágua e por Honduras enfraquece e isola ainda mais El Salvador. Apesar de fortalecer a reivindicação nicaraguense, o acordo tem maiores objetivos políticos para Daniel Ortega do que resultados práticos contra a Colômbia. Em suma, Honduras é o principal beneficiado com o pacto, garantindo sua ligação para o Pacífico e obtendo uma vantagem contra o rival salvadorenho.



Canadá e EUA: em busca de cibersegurança no sistema de transporte marítimo

Ana Carolina Farias e Jéssica Barreto

Em torno de 80% de toda cadeia de fornecimento global é dependente da infraestrutura crítica do setor de transporte marítimo. Em virtude disso, ameaças são de extrema preocupação aos países. Durante muitos anos, o foco tem sido os riscos físicos, como a pirataria. Contudo, um novo desafio se apresenta: os ataques cibernéticos. Entre fevereiro e junho de 2020, houve um crescimento de 400% de tentativas de interferência de *hackers* no sistema de transporte, influenciado pela pandemia da COVID-19, que acelerou o processo de automação e digitalização do setor. Desse modo, como o Canadá e os Estados Unidos (EUA), ambas potências marítimas dependentes deste serviço, estão enfrentando tal ameaça?

Primeiramente, é necessário entender a complexidade do sistema. Não existe uma autoridade única ou modelo de segurança cibernética que se aplique facilmente à infraestrutura dos transportes marítimos. Isso se deve pela segmentação de atores e organizações que o compõem. Desse modo, os Estados estão se movimentando para aprimorar sua própria cibersegurança. Assim, o Canadá anunciou no, início de 2021, a formação do *Maritime Cyber Security Centre of Excellence*, um centro de pesquisa e desenvolvimento de segurança cibernética marítima, que tem por objetivo examinar a cibersegurança em infraestruturas marítimas críticas e

construir melhores sistemas para detectar e responder às atividades maliciosas.

Na mesma linha do Canadá, os EUA criaram uma série de centros de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias, como o *Maritime Security Center*, e estruturas dentro dos principais atores do setor, como o *Coast Guard Cyber Command* e os *Cyber Protection Teams* na Guarda Costeira, em uma tentativa de proteção do setor. Indo além, devido a maior parte desta infraestrutura crítica pertencer ou ser operada pelo governo, com destaque para os portos com maior movimento de contêineres no país, como os portos de Houston (Texas) e Newark (Nova Iorque) o governo teve a necessidade de oficializar um plano de ação voltado para as ameaças cibernéticas.

No final de 2020, o governo Trump lançou o *National Maritime Cybersecurity Plan*. O plano governamental estabelece ações prioritárias para mitigação dessas ameaças no setor a partir de três grandes objetivos: riscos e padrões; compartilhamento de informações e inteligência; e criação de uma força de trabalho de segurança cibernética marítima. Observa-se que os dois países têm buscado investir no planejamento e no desenvolvimento tecnológico e científico para se cercar de medidas que possam conter ataques à sua infraestrutura e evitar consequências severas em suas economias.



Os desafios para os investimentos em transição energética na África

João Victor Marques Cardoso

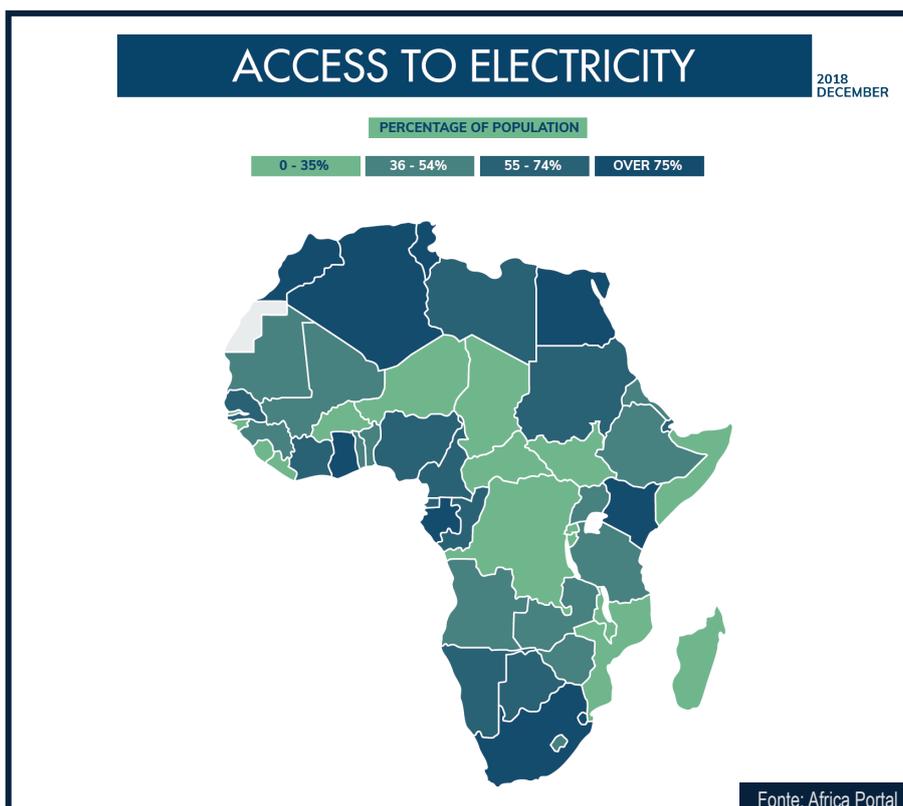
A África Subsaariana possui uma posição ambivalente no Sistema Internacional, ora às margens dos grandes fluxos de investimento, comércio e mobilidade, ora inserida, ainda que de forma dependente, na economia global. Diante da mobilização internacional em torno do combate às mudanças climáticas, a busca por caminhos para uma economia de baixo carbono tem sido o centro das negociações políticas. Logo, a transição energética descarbonizadora, especialmente para o continente africano, tem exigido não apenas maior volume de financiamento a novas tecnologias, mas também diversificar credores dispostos a assumirem riscos.

Uma categoria fundamental para esta análise é o *capital venture* destinado a *startups* de tecnologia climática para diversos setores: construção civil, transportes, indústria pesada e energia. Entre 2013 e 2019, este fluxo teve um crescimento exponencial de US\$ 418 milhões para US\$ 16,1 bilhões, totalizando US\$ 60 bilhões. Dentre os principais destinos estão, a América do Norte (US\$ 29 bilhões), China (US\$ 20 bilhões) e Europa (US\$ 7 bilhões). O crescimento desses investimentos é insuficiente para lidar com o objetivo da neutralidade em carbono, especialmente na África Subsaariana, que recebeu apenas 0,2% do montante.

À medida que as economias buscam a recuperação dos impactos da COVID-19 e a superação da atual conjuntura

crítica no setor energético, no qual a capacidade de suprimento de energéticos não tem acompanhado a recuperação da demanda devido à escassez de investimentos nos períodos mais críticos da pandemia, aplicações em alternativas podem ser abaladas. A China, por exemplo, deve concentrar seus esforços no próprio país, com mais subsídios à produção industrial, geração de energias tradicionais, como o carvão, e controle do endividamento interno, sobretudo do setor imobiliário. Para a África, a desaceleração do crescimento chinês é prejudicial às finanças, às exportações de *commodities* e à competitividade de indústrias como a de processamento de minerais, os grandes motores de suas economias.

Embora não faltem recursos para a transição energética na África – como o cobalto das minas congolenses utilizado como insumo para baterias e a incidência de fontes de energias renováveis – há a necessidade de um ambiente favorável aos negócios e a superação de lacunas na infraestrutura física e digital. Com as incertezas sobre o futuro da relação China-África, as companhias ocidentais de energia, com investimentos sólidos em exploração e produção de petróleo e gás natural, poderiam direcionar investimentos em novas alternativas energéticas, participando de soluções como a falta de acesso à eletricidade e alinhando metas para o clima e para o desenvolvimento.



A disputa de fronteira marítima entre Quênia e Somália

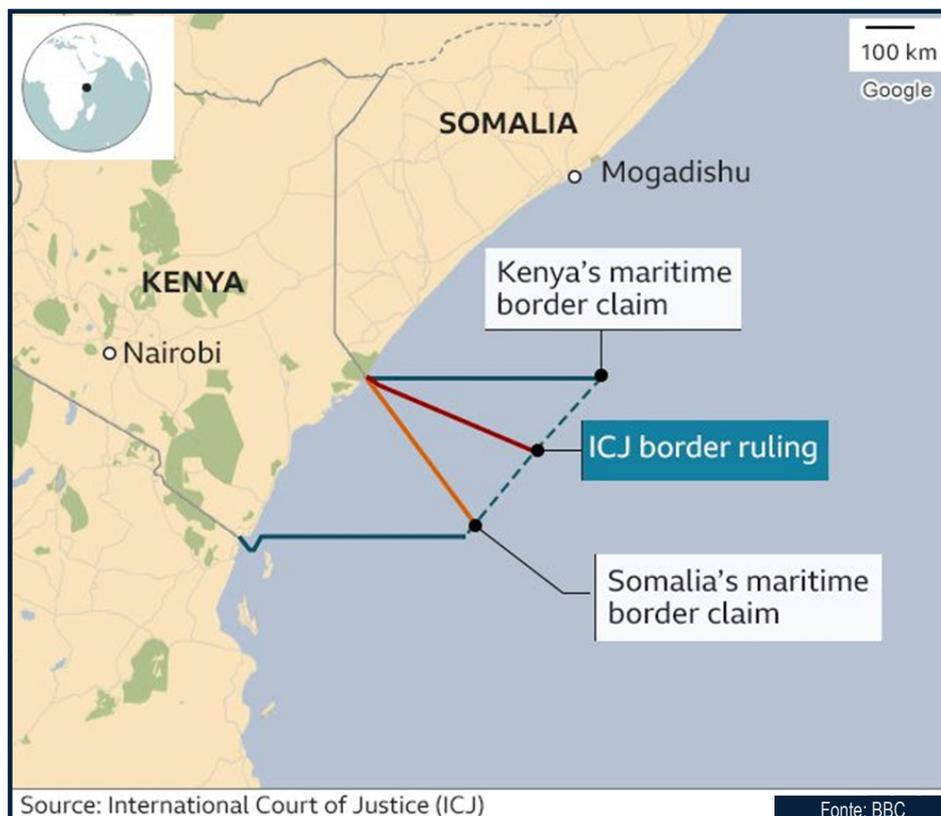
Vanessa Bandeira

Arrastando-se desde 2009, a disputa de fronteira marítima entre Quênia e Somália recebeu um parecer da Corte Internacional de Justiça (CIJ) determinando uma delimitação fronteiriça semelhante à requisitada pela Somália, alegando ser uma solução equitativa. A Somália havia acionado a CIJ em 2014 após fracassadas as tentativas de resolução bilateral. Todavia, como o Quênia refutou a decisão, acusando a CIJ de parcialidade, o encerramento do processo não finda o embate. Esse artigo busca indicar os principais elementos envolvidos nessa disputa.

O triângulo de aproximadamente 100.000 km² no Oceano Índico, é considerado potencialmente rico em hidrocarbonetos e pescados. Para ambos os países, essa zona pesqueira é extremamente relevante para a diminuição da insegurança alimentar, especialmente agravada pelas chuvas sazonais desfavoráveis desde 2020 e pela pandemia. Contando com ajuda econômica externa para reconstruir o país após a guerra civil e para alimentar parte da população, a Somália sofre com fragilidades em diversos setores, crise sociopolítica e o terrorismo do grupo Al-Shabaab (Boletim 136). Já no Quênia, sede da União Africana (UA) e quinta maior economia do continente, 36,1% da população vive abaixo da linha de pobreza, situação agravada pelo fluxo de refugiados recebidos. Tais recursos são, portanto, uma importantíssima oportunidade econômica para ambos.

A CIJ não dispõe de meios coercitivos para fazer cumprir suas decisões; ainda, as relações entre esses países são historicamente conturbadas, envolvendo trocas de acusações sobre venda de hidrocarbonetos nas áreas marítimas contestadas, acusações de apoio queniano ao Estado semiautônomo de Jubalândia, opositor do governo somali, e à separatista Somalilândia (Boletim 147). Assim, é pouco provável que haja diálogo bilateral sobre a questão, o que pode impactar diretamente a segurança regional e na expansão do terrorismo. Isto porque, além da Somália receber ajuda de tropas quenianas participantes da operação militar da UA para lutar contra o Al-Shabaab (Boletim 91), um potencial conflito entre estes Estados poderia relegar o combate ao terrorismo ao segundo plano.

Ressalta-se ainda que, diferentemente do Quênia, a Somália não tem Marinha, apenas uma unidade marítima dentro Polícia Nacional, e dependeria de terceiros para fiscalizar o cumprimento da decisão. Portanto, apesar da improbabilidade de conflito armado devido à complexidade da crise estrutural da Somália, o acirramento das tensões e reavivamento dos ressentimentos históricos acendem um alerta sobre a necessidade de mediação. Atores que já mediaram a questão anteriormente como a UA, o Conselho de Segurança da ONU e o Catar, têm condições de minimizar as tensões regionais, bem como acompanhar os desdobramentos da decisão.



Crise e insegurança energética na Europa: causas e desafios

Victor Magalhães Longo

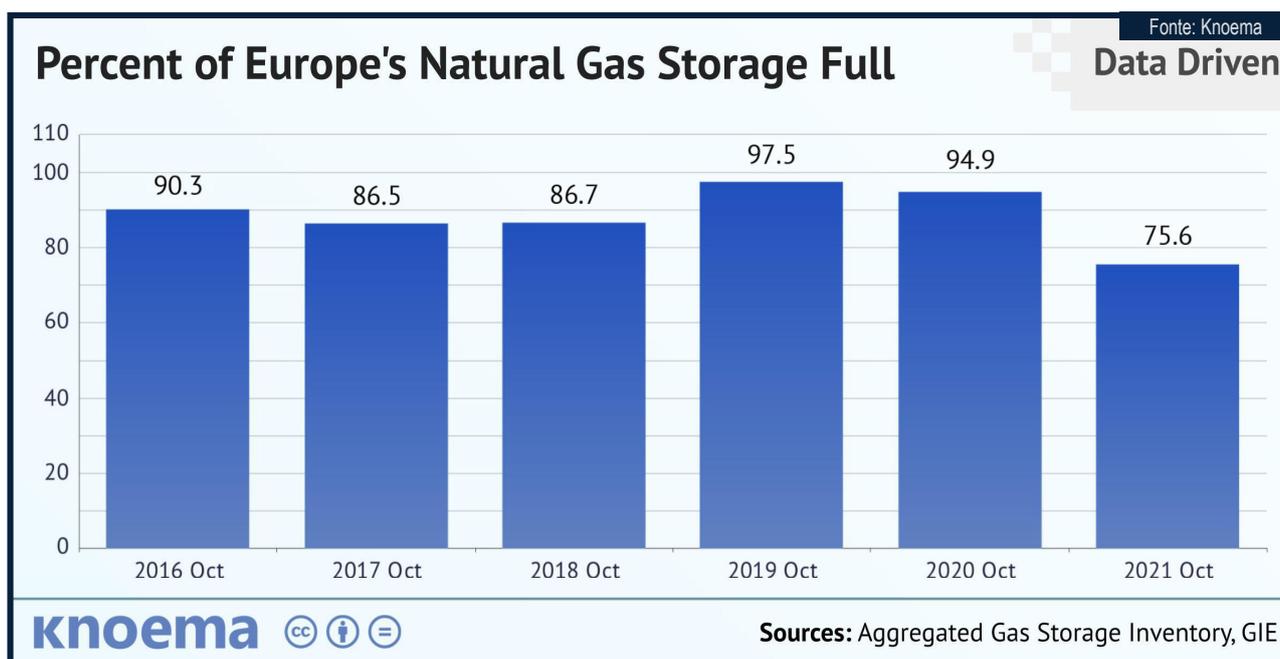
A Europa vem passando por uma crise energética. A retomada econômica global após a forte recessão, causada pela pandemia do COVID-19, fez com que a demanda por energia sofresse um aumento expressivo nos últimos meses, onde a demanda não foi correspondida pela oferta. Na Europa, destaca-se o gás natural, cujo preço no mercado de derivativos chegou a quintuplicar quando comparado a abril de 2021. A situação da União Europeia (UE) nessa crise evidencia não apenas o desafio de evitar a subida da inflação e o comprometimento da recuperação econômica, mas também a manutenção de sua segurança energética.

A causa da insuficiência de energia na Europa é uma comunhão de fatores. Alguns deles são naturais, como o atípico inverno de 2020-21 – mais frio do que o usual e que exauriu as reservas de gás da UE – e a falta de ventos no Mar do Norte, afetando os países dependentes da energia eólica. Há também fatores políticos e econômicos, como as ambiciosas metas de energia verde da Europa, que vêm reduzindo a produção energética feita por carvão. Ademais, grupos ambientalistas pressionam seus governos para desativar as usinas nucleares, com especial sucesso na Alemanha. Essa lacuna precisa ser compensada por outras formas de produção de energia,

sendo parcialmente substituída por gás natural. Um outro fator se dá pela alta demanda dos países asiáticos, que estão dispostos a pagar mais caro pelo gás, aumentando o seu preço no mercado internacional.

Do ponto de vista estratégico, a União Europeia importa mais de 80% do gás natural que consome, e aproximadamente metade dessas importações vem da Rússia. Essa dependência é expressiva, pois o gás natural não apresentou diminuição de importância dentro da matriz energética europeia. Isso permite tanto que a Rússia consiga usar o fluxo de gás como uma arma política, quanto expõe países europeus à flutuação de preços desse tipo de recurso ([Boletim 149](#)).

A crise atual pode ser uma oportunidade para que a UE discuta a sua segurança energética. Caberá aos países europeus a difícil tarefa de conciliar a construção da sua segurança energética com as suas metas ambientais, e o caminho de crescente dependência do gás natural, além de não ser uma energia sustentável, não garantirá tal segurança para o continente. Aparenta ser cada vez mais urgente que a opção da energia nuclear seja novamente considerada, mas esse é um debate controverso na Europa e sofre resistência do país mais rico e politicamente importante do continente: a Alemanha.



Os desafios enfrentados pelo Estado libanês na atualidade

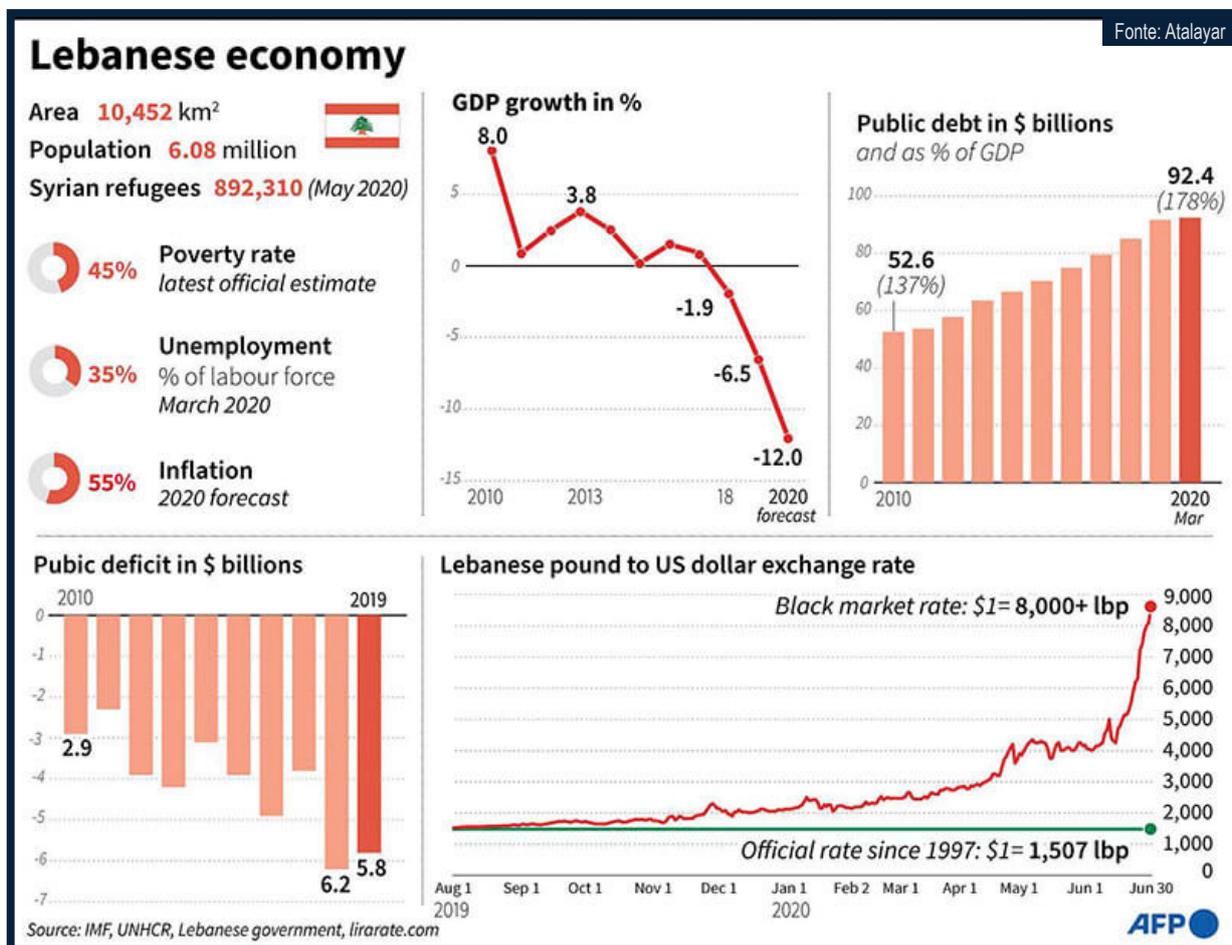
Amanda Neves Leal Marini

A atual crise política e econômica que o Líbano vem enfrentando desde 2019 é tida como uma das mais graves desde a formação do Estado e a sua independência. A situação, já delicada, foi intensificada pela pandemia da COVID-19 e pela explosão no porto de Beirute em agosto de 2020 (Boletim 123), que promoveu danos bilionários à infraestrutura do país. A partir deste quadro, quais elementos ajudam a explicar o contexto crítico em que o Estado libanês se encontra?

Do ponto de vista da política doméstica libanesa, em setembro de 2021, um novo governo foi formado após 13 meses da queda do premiê Hassan Diab. No entanto, o país segue submerso em instabilidade política, o que foi observado nos protestos violentos do dia 14 de outubro, intensificados pelas rivalidades e disputas sectárias. O atual governo, chefiado pelo primeiro-ministro Najib Mikati, deverá lidar com os diversos desafios, como a questão de defesa do país, muitas vezes exercida por grupos armados, embora seja uma função estatal. Um exemplo é o abate de *drones* israelenses pelo Hezbollah, tendo o último acontecido no fim de setembro, no sul do país, próximo à fronteira.

A política doméstica também impulsiona crises diplomáticas. Alguns países da região, como a Arábia Saudita, se afastaram do Líbano, o que culminou na retirada dos diplomatas de Beirute no fim do mês de outubro, ação seguida pelos demais países do Golfo Pérsico, como Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Kuwait. Riade utilizou como pretexto uma crítica feita pelo Ministro de Informação do Líbano à Guerra do Iêmen e também expulsou o embaixador do Líbano do país, ação que contribui para o atual cenário complexo e caótico libanês.

Assim, dado o panorama atual de escassez causada pelos impactos da explosão na infraestrutura, as disputas políticas sectárias, protestos violentos e as crises diplomáticas colocam o Estado libanês em uma situação ainda mais complexa. Diante do exposto, percebe-se que o Líbano precisa ser mais enfático e estratégico ao lidar com os desafios existentes, retomar seu papel de detentor do monopólio do uso legítimo da força e se empenhar em reconstruir uma diplomacia que possa reconquistar a confiança de seus vizinhos e aliados.



Oportunidades e desafios para as relações Rússia-Nigéria

José Gabriel Melo

Desde o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Rússia vem buscando meios de se reinserir no tabuleiro geopolítico africano. Em outubro de 2019, durante a primeira Cúpula Rússia-África (Boletim 107), ocorreu um importante movimento russo de aproximação com a Nigéria: a maior economia e produtora de petróleo do continente. Esse interesse se justifica pelas promissoras projeções econômicas e demográficas do continente para as próximas décadas. Entretanto, a forte presença de outros atores com maior poder econômico na África, amplia o desafio para Moscou. Desse modo, surge o questionamento acerca das oportunidades e desafios para as relações entre Rússia e Nigéria, frente aos interesses das demais potências.

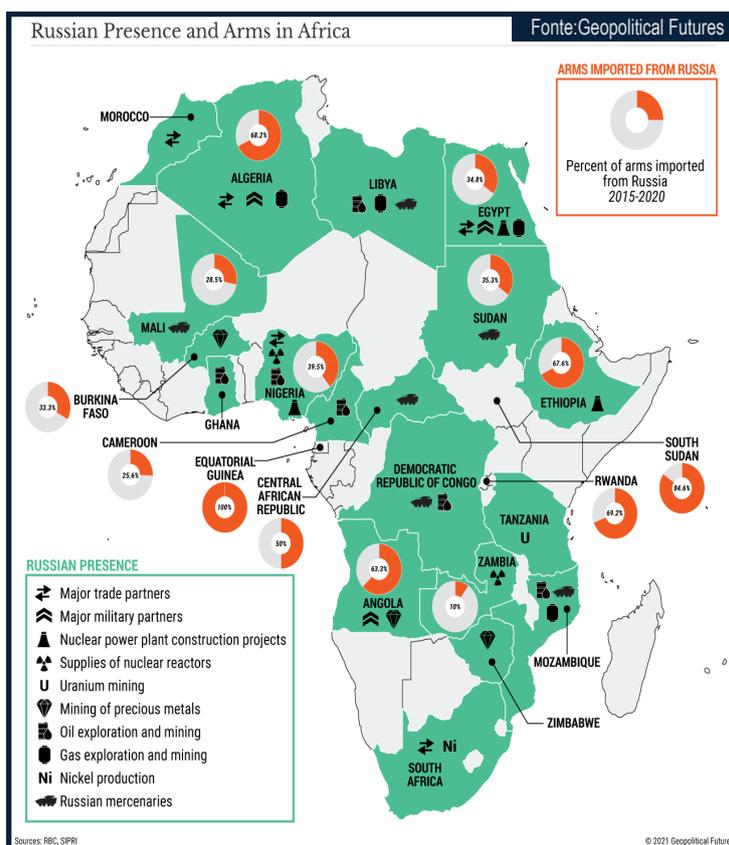
A ampliação da integração com Abuja é uma das prioridades de Moscou. Nesse sentido, em 28 de setembro, foi inaugurada a Câmara de Comércio e Indústria Rússia-Nigéria, iniciativa com o intuito de amplificar não apenas as relações comerciais entre os países, como também o intercâmbio intelectual. Tendo em vista que, em 2019, o comércio entre ambos totalizou cerca de US\$ 600 milhões, ligados, majoritariamente, às commodities agrícolas, a Câmara é uma oportunidade de elevar a cifra.

Além das relações econômicas, essa integração também abrange temas relacionados à defesa. Em agosto, ambos assinaram um acordo de cooperação militar,

visando à transferência de equipamentos e ao treinamento de militares. Ademais, devido ao potencial do país do Golfo da Guiné, há um grande interesse de Moscou em aumentar sua atuação em áreas estratégicas, como mineração e energia, em especial na área nuclear, com a prospecção da empresa russa Rosatom para a construção de duas usinas, com um investimento estimado em US\$ 20 bilhões.

Todavia, há grandes desafios ligados a esses movimentos, relacionados não apenas à limitação econômica frente a outros atores relevantes – como China e EUA – como também a pressões ligadas à presença de empresas militares privadas russas em países do continente, fenômeno visto com bastante preocupação pelo Ocidente devido ao seu potencial desestabilizador. Por fim, o impacto ambiental das atividades ligadas à extração mineral gera controvérsias sobre projetos na área.

Portanto, apesar das boas relações da Rússia no continente africano, provenientes do suporte nas lutas por independência, Moscou enfrenta desafios ligados à falta de recursos econômicos para a promoção mais assertiva dos seus interesses comerciais, problema que busca contornar aprofundando as relações diplomáticas e ampliando a cooperação em setores estratégicos, como energia e defesa.



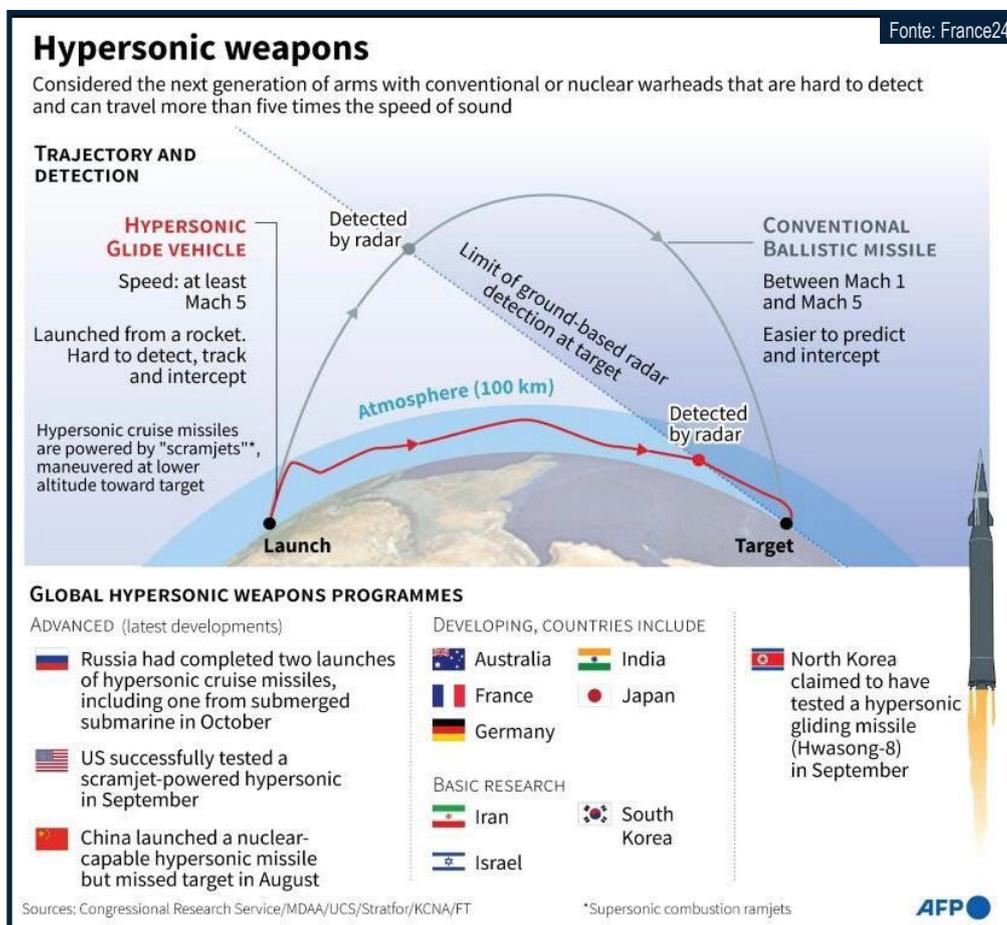
Tecnologias disruptivas são um fator relevante entre os principais *players* do sistema internacional. Na última década, países como China, Estados Unidos e Rússia vêm desenvolvendo novos sistemas de armamento para suas Forças Armadas, com destaque para as capacidades hipersônicas. Embora ainda não regulamentados pelo Direito Internacional, mísseis hipersônicos podem garantir capacidade estratégica e operacional críticas perante o teatro de guerra. Destarte, em meio às tensões com o Ocidente, o governo russo tornará a modernização do seu arsenal uma prioridade. Diante disso, como os mísseis hipersônicos poderão delinear a postura militar russa?

Mencionado pela primeira vez em março de 2018 por Vladimir Putin, os mísseis hipersônicos fazem parte do conjunto de “armas invencíveis”, previsto pelo *State Armament Program* (SAP 2018-2027). A inovação por trás do armamento está em sua furtividade, capacidade de manobra e precisão, características que podem privar o adversário do tempo de reação e uso de meios convencionais de bloqueio, vide a dificuldade de detecção por sistemas de defesa antimísseis. Assim, a Marinha russa, visando balancear o corte de orçamento de US\$ 29,5 bilhões do SAP-2027 ([Boletim 145](#)), deve integrar os mísseis ao seu sistema de armamentos a partir

de 2022. Desse modo, o comissionamento de mísseis hipersônicos, como o *Tsirkon* 3M22, objetiva equipar fragatas e submarinos russos, enquanto reduz os custos de aquisição de navios maiores, como porta-aviões e contratorpedeiros.

Nesse panorama, em 04 de outubro, o Ministério da Defesa russo confirmou que testes com o míssil *Tsirkon* no Mar Branco atingiram com sucesso um alvo no Mar de Barents. O míssil, que ainda poderá agregar ogivas nucleares, foi lançado a partir do submarino *Severodvinsk*, do projeto 885 *Yasen*, enquanto este estava sob uma profundidade de 40 metros abaixo da superfície. *Tsirkon* é o primeiro míssil de cruzeiro hipersônico a ser comissionado em posição submersa, tornando-se uma ferramenta eficaz contra alvos móveis, como navios adversários. Ainda de acordo com o Ministério, o míssil alcançou a marca de velocidade supersônica *Mach 9*, atingindo seu alvo a 1.500 km de distância.

O uso de armas hipersônicas pela Rússia é, portanto, uma ferramenta que moldará o ambiente estratégico, uma vez que exigirá dos Estados sistemas mais sofisticados de longo alcance. Além disso, constitui um segmento de armamentos modernos nas Forças Armadas russas que poderão delinear uma nova maneira de pensar o teatro de operações e a Guerra Convencional.



Taiwan e a possibilidade de um conflito militar com a China

Filipe Porto e Rodrigo Ribeiro

As atividades do Exército da Libertação Popular (PLA em inglês) contra Taiwan, têm crescido de forma constante. Somente nos primeiros quatro dias de outubro de 2021, 149 aviões de guerra chineses entraram na Zona de Identificação de Defesa Aérea (ZIDA) da ilha. Segundo Taiwan, a Força Aérea do PLA promoveu mais de 260 incursões à ZIDA local entre setembro de 2020 e novembro deste ano. Mais recentemente, revelou-se a presença de militares estadunidenses prestando treinamentos à Taipei. Diante desse cenário, quais os elementos a serem considerados em uma possível anexação de Taiwan pelos chineses?

Desde o início do século XXI, nota-se um processo de reforma dentro do PLA, que se intensificou durante o governo de Xi Jinping. A Marinha tem recebido atenção especial no contexto dessas reformas, tendo aumentado significativamente sua capacidade anfíbia nos últimos anos, comissionando novas embarcações e meios de aviação naval. Nesse sentido, Taiwan tem sido uma questão protagonista dentro dos documentos oficiais da China continental, como no caso do Livro Branco *China's National Defense in the New Era* (2019) que evidencia que, se necessário, Pequim utilizará a força para impedir uma maior independência de Taiwan.

É conveniente para a China anexar a ilha de forma

pacífica, pois assim se pouparia dos perigos, dificuldades e custos de uma guerra. Contudo, é cada vez mais duvidoso que Taiwan não responda de forma agressiva, considerando o constante aumento de capacidade da ilha para guerra assimétrica. Além disso, as crescentes tensões entre os Estados Unidos (EUA) e a China contribuem para que Taipei tenha maior apoio internacional. Apesar de os EUA e seus aliados tradicionais não manterem relações diplomáticas oficiais com o território, já demonstraram prontidão para defendê-lo em contexto de investida mais agressiva da China continental.

Levando em consideração os fatores analisados acima, conclui-se que, no momento, uma operação de retomada de Taiwan possuiria um risco muito alto para Pequim. Apesar dos avanços do poder do PLA, um desembarque anfíbio na ilha poderia ser bem-sucedido, mas seria extremamente custoso para Pequim. Deve-se considerar que Taiwan possui Forças Armadas estruturadas. Além disso, Pequim enfrentaria resistência dos EUA, que possuem forte poderio militar e diversos aliados na região, como a Austrália, a Coreia do Sul e o Japão. Assim, mesmo com o recente escalonamento das tensões no Estreito de Taiwan, a tendência principal é a manutenção do *status quo*.

China holds a large military advantage over Taiwan

Fonte: CNN

Even when looking only at China's forces closest to Taiwan, the People's Liberation Army has a clear advantage over the island's defending forces – in the air, on land and at sea.

Taiwan Strait military balance ■ China ■ Taiwan



Figures for China are for the Eastern and Southern theaters – the branches of its military in closest proximity to the Taiwan Strait.

A estratégia da indústria de defesa sul-coreana para se tornar uma potência em exportações

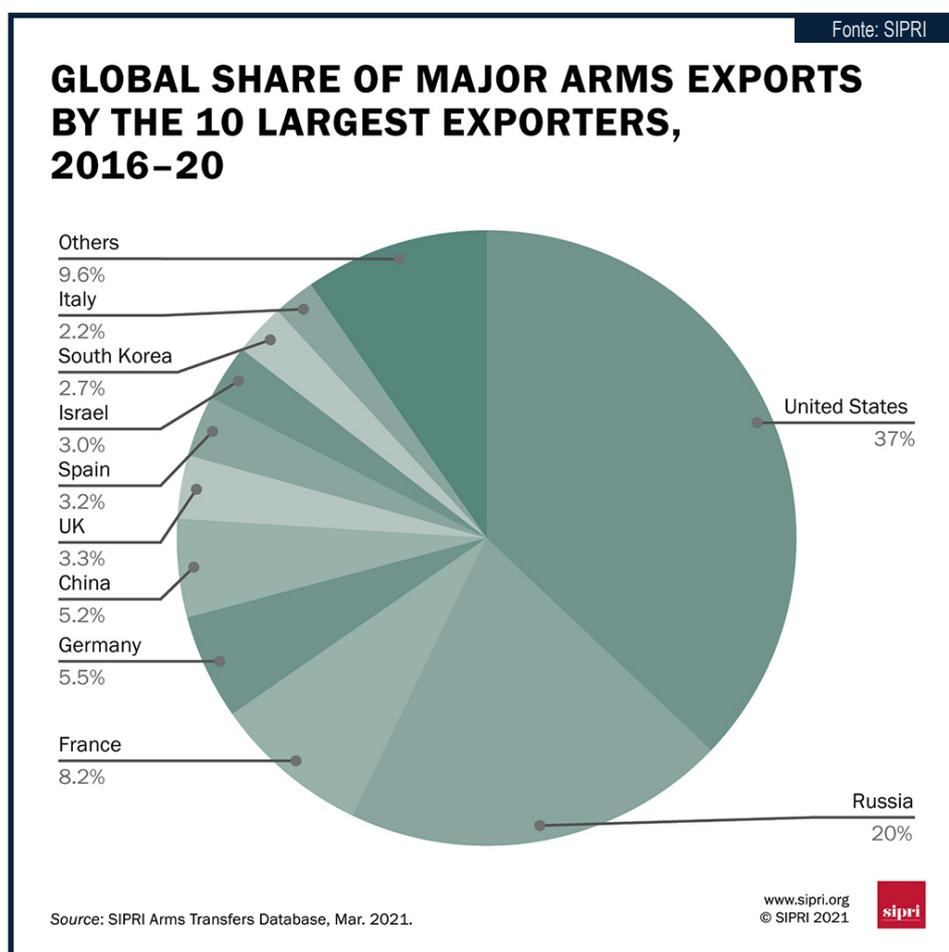
Marcelle Torres

Desde a década de 1970, a indústria de defesa sul-coreana tem se desenvolvido em áreas-chave ao país, como a de construção naval civil e militar, e as de alta tecnologia. Impulsionado pela modernização das Forças Armadas e crescimento econômico, o setor também inovou em armas leves e sistemas não-tripulados, e vai além da demanda doméstica. Recentemente, a Administração do Programa de Aquisição de Defesa sul-coreano (DAPA, sigla em inglês) anunciou que visa reestruturar a base industrial de defesa do país, evoluindo de uma indústria focada no mercado interno para uma centrada na exportação de defesa.

Pautada no aumento do investimento em pesquisa e desenvolvimento de defesa e priorizando as tecnologias da Quarta Revolução Industrial para fortalecer a competitividade da indústria de defesa sul-coreana, a DAPA almeja ser uma das líderes no desenvolvimento de tecnologias militares de ponta. Além disso, em 2020, o Ministério da Defesa já havia investido US\$ 37 milhões para criar um *cluster* de inovação da indústria de defesa, na cidade de Changwon, a fim de apoiar a participação de pequenas empresas na produção localizada, em vez de importar sistemas e componentes. Dessa forma, cada vez mais a Coreia do Sul busca se tornar menos dependente de tecnologia de defesa estrangeira.

O país já é o nono maior exportador de armas do mundo, segundo dados divulgados em abril pelo SIPRI (relativo ao quadriênio 2016-2020), tendo as Filipinas, Reino Unido e Tailândia como principais destinos. Dentre as 100 maiores empresas de defesa mundiais, a Coreia do Sul é representada por quatro, sendo elas: *Hanwha Aerospace Co.* (46ª posição), *Korea Aerospace Industries* (57ª), *LIG Nex1 Co.* (65ª) e *Hyundai Rotem Company* (93ª), segundo a *Defense News* (2021). Assim, o crescente desempenho da indústria de defesa sul-coreana vem sendo notado pela indústria de defesa global.

No dia 19 de outubro, durante a abertura da Exposição Internacional Aeroespacial e de Defesa de Seul (ADEX 2021, sigla em inglês), o Presidente Moon Jae-in chegou a bordo de um *FA-50* da Força Aérea, demonstrando confiança, e ressaltou a importância da indústria de defesa sul-coreana como uma indústria estratégica e de segurança ao país. Dentre os artigos de defesa expostos, estavam drones movidos a hidrogênio, robôs, equipamentos espaciais e *lasers*, jatos de combate da próxima geração, veículos aéreos não tripulados, sistemas antimísseis, entre outros. Na busca por maior autonomia estratégica e influência militar, Seul mira nos esforços para se tornar um dos líderes globais em indústria de defesa.



Preocupação ambiental indonésia e o G20

Gabriela Veloso

A Indonésia assume oficialmente em dezembro a presidência do G20 por um ano, e o Presidente Joko Widodo e outros representantes do país vêm fazendo uma forte campanha sobre o que o Estado almeja realizar. Em seu discurso na 76ª Assembleia Geral das Nações Unidas, o Presidente disse que o país tomará para si esta nova responsabilidade, com o lema "*Recover Together, Recover Stronger*" ([Boletim Especial AGNU 76](#)). Com a realização da COP 26 deste mês, novos discursos foram feitos e novos planos foram declarados. Então, o que esperar da futura presidência Indonésia no G20, em relação às questões ambientais?

Jokowi chegou em Glasgow para a *United Climate Change Conference* (COP 26) com um plano de usar a liderança indonésia para a elaboração de políticas climáticas globais mais efetivas, algo que ele já havia comentado em seu discurso na AGNU. A COP 26 prepara o terreno para que os líderes mundiais acelerem as ações sobre as mudanças climáticas e se comprometam com metas de redução de emissões de gases como o carbono, a fim de evitar que a temperatura do planeta aumente ainda mais.

Para o país, o G20 deve ser o motor para o desenvolvimento de um ecossistema que impulse a colaboração e a inovação. O desenvolvimento

sustentável e inclusivo parece ser um ponto chave para a futura presidência indonésia. Jokowi chegou a afirmar que as questões climáticas serão um dos principais testes da liderança do país. A Indonésia se comprometeu a reduzir suas emissões de carbono em 41% até 2030, contando com cooperação internacional. Em tom diplomático, o Presidente do país alegou que a busca por culpados e acusações são contraproducentes. Para ele, a abordagem da mudança climática deve ser inserida no quadro do desenvolvimento sustentável, pensada de forma colaborativa e encarada em cooperação.

Ainda que alguns tenham interpretado os discursos indonésios como promessas vazias, o país alegou que vai se comprometer, exponencialmente mais do que se compromete atualmente, com as questões ambientais. O governo pretende fazer isso servindo como exemplo, buscando diminuir os índices de desmatamento e de emissão de carbono de forma significativa, sobretudo durante sua presidência no G20. A Indonésia clama por um combate cooperativo às mudanças climáticas. Deve-se esperar da presidência indonésia no G20, planos em conjunto para gerar mudanças reais, mas apenas neste próximo ano, será possível observar de fato o que irá acontecer.

DOI 10.21544/2446-7014.n151.p16.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Investimentos russos na Antártica: reconstrução da estação *Vostok* como manutenção de *status quo*

Gabriela Paulucci e Gabriele Hernandez

Mesmo sendo um dos Estados mais presentes no continente antártico, a Rússia vem subfinanciando seu investimento no sexto continente há décadas, fornecendo espaço competitivo para outras potências polares. É nesse sentido que a restauração de suas instalações antárticas ilustra a retomada de sua capacidade de projeção de poder e influência na região. A fim de modernizar sua presença no território, o país anunciou a reconstrução de toda a Estação *Vostok*, uma das estações mais insulares da Antártica e a principal da Rússia. Seria a retomada de investimentos na estratégia antártica russa capaz de manter o seu *status quo* no sexto continente?

Construída em dezembro de 1957, atualmente a Estação *Vostok* está com quase 90% da infraestrutura desgastada. O investimento e a modernização das estações antárticas russas fazem parte da nova estratégia de desenvolvimento das atividades polares do país.

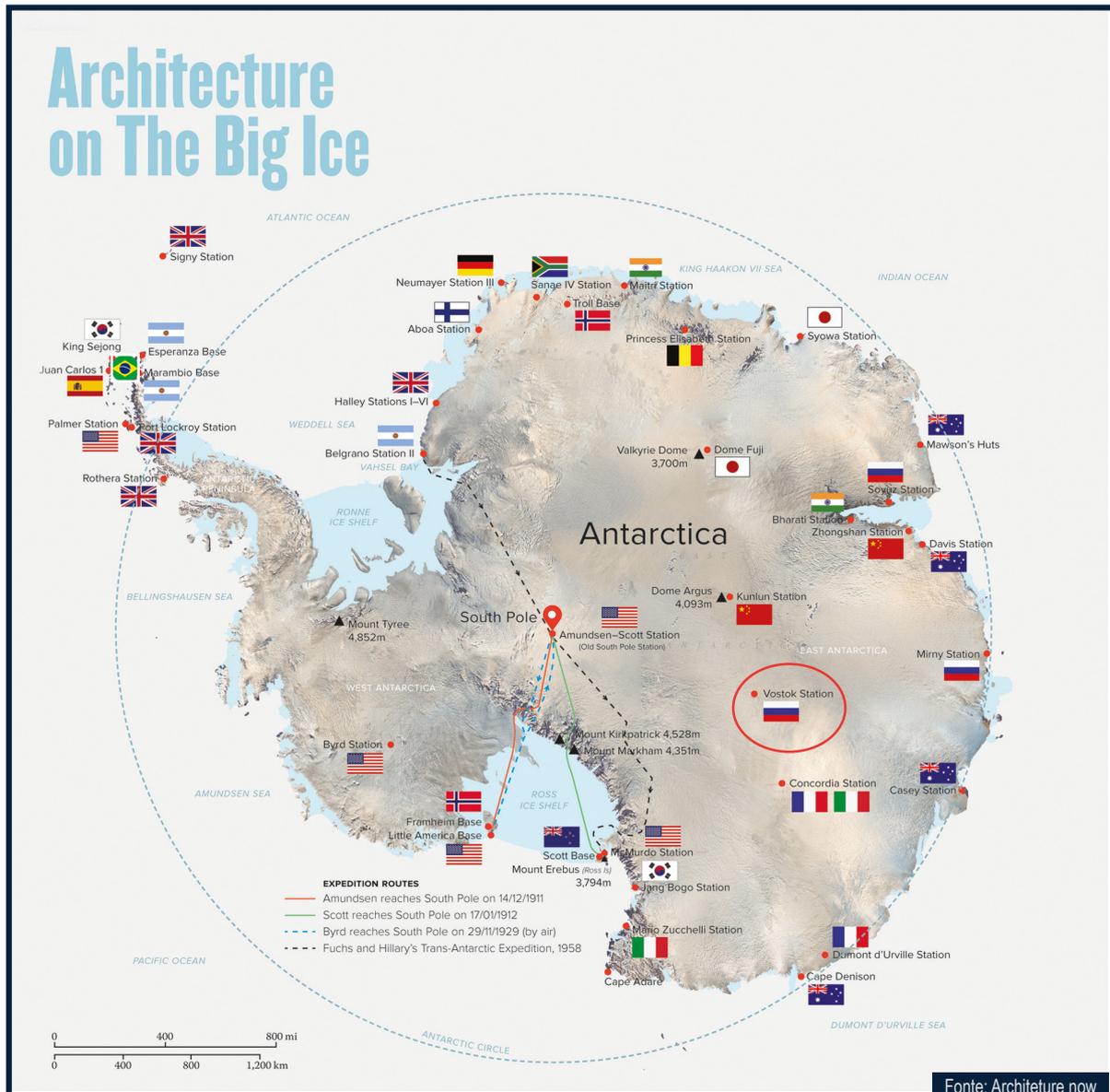
Parte do valor investido veio da doação do bilionário russo Leonid Mikhelson, presidente da companhia russa de gás *Novatek*. Não é coincidência que uma parcela considerável do financiamento tenha sido feita por um empresário do ramo energético, uma vez que, em fevereiro de 2021, o país mensurou o potencial de prospecção de petróleo e gás natural em uma das regiões do mar austral ([Boletim 116](#)), ainda que a exploração de recursos minerais tenha sido proibida pelo Protocolo de Madri.

A presença russa na Antártica sempre foi forte e sua experiência e capacidade operacionais, atreladas ao seu pioneirismo no continente, ilustram a importância e o potencial estratégico do país. Enquanto União Soviética, o Estado foi um dos doze membros iniciais a assinarem o Tratado da Antártica em 1959. O medo de que a URSS reclamasse o continente todo para si, contribuiu

para pressionar os demais interessados a assinarem o documento. Embora nunca tenha reivindicado nenhuma porção territorial, os soviéticos se davam o direito de fazê-lo quando o vissem necessário, posição que o país mantém.

O jogo russo na Antártica é lento, pois o país concentra seus esforços no Ártico, mas o conhecimento de exploração mineral em regiões polares pode ser usado

na Antártica futuramente. Enquanto o Protocolo de Madri vigorar, e os demais países evitarem conflitos na região, não há motivo para urgência no rearranjo logístico e político no continente. Reconstruir sua estação mais ao centro do continente significa reforçar e garantir a manutenção de seus interesses na Antártica, sabendo que tem o tempo a seu favor.



- ▶ [AUKUS, US allies and the age of conditional proliferation](#)
IISS, Ben Schreer e William Alberque
- ▶ [Belarus: The Next Crimea?](#)
RUSI, Tijs van de Vijver
- ▶ [Greenhouse gas emissions from burning US-sourced woody biomass in the EU and UK](#)
CHATHAM HOUSE, Duncan Brack, Richard Birdsey e Wayne Walker
- ▶ [How Not to Dismantle an Atomic Bomb A Realistic Approach for Dealing with North Korea's Nuclear Weapons](#)
RAND, David A. Shlapak
- ▶ [The China Shock's Lessons for the Green Economy](#)
FOREIGN AFFAIRS, Gordon H. Hanson

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Isadora Jacques e Raphaella Costa

NOVEMBRO

<p>11 - 12</p>  <p>FRANÇA</p> <p>2ª CÚPULA DA PARCERIA GLOBAL EM INTELIGÊNCIA</p>	<p>11 - 13</p>  <p>FRANÇA</p> <p>FÓRUM DA PAZ DE PARIS</p>	<p>12</p>  <p>OEA</p> <p>ENCERRAMENTO DA 51ª ASSEMBLEIA GERAL DA OEA NA GUATEMALA</p>	<p>12</p>  <p>COP26</p> <p>ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA NO REINO UNIDO</p>	<p>14</p>  <p>BULGÁRIA</p> <p>ELEIÇÕES GERAIS</p>
<p>14</p>  <p>ARGENTINA</p> <p>ELEIÇÕES LEGISLATIVAS</p>	<p>16</p>  <p>BRASIL</p> <p>DIA NACIONAL DA AMAZÔNIA AZUL</p>	<p>16 - 21</p>  <p>ESTÔNIA</p> <p>EXERCÍCIO CYBER COALITION 2021 DA OTAN</p>	<p>18 - 19</p>  <p>CUBA</p> <p>EXERCÍCIO MILITAR MONCADA</p>	<p>20 - 21</p>  <p>TUNÍSIA</p> <p>XVIII CÚPULA DA FRANCOFONIA</p>
<p>21</p>  <p>CHILE</p> <p>ELEIÇÕES GERAIS</p>	<p>21</p>  <p>VENEZUELA</p> <p>ELEIÇÕES REGIONAIS E MUNICIPAIS</p>	<p>23</p>  <p>BÉLGICA</p> <p>INÍCIO DO EXERCÍCIO STEADFAST LEDA 21 DA OTAN</p>	<p>24</p>  <p>UNESCO</p> <p>ENCERRAMENTO DA 41ª CONFERÊNCIA GERAL DA UNESCO</p>	

REFERÊNCIAS

- **Disputas marítimas e a balança de poder na América Central**
[Honduras y Nicaragua firman acuerdo de límites marítimos.](#) DW, Bonn, 27 out. 2021. Acesso em 04 nov. 2021.
VILLAROEL, G. [Congreso de Honduras discutirá el acuerdo con Nicaragua para repartir el Golfo de Fonseca.](#) **El Mundo**, São Salvador, 31 out. 2021. Acesso em 04 nov. 2021.
- **Canadá e EUA: em busca de cibersegurança no sistema de transporte marítimo**
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [National Maritime Cybersecurity Plan.](#) 2020. Acesso em 14 out. 2021.
LOOMIS W., VIKRAM V., KESSLER G. BELLEKENS X. [Raising the colors: Signaling for cooperation on maritime cybersecurity.](#) **Atlantic Council**, [s.l.], 04 out. 2021. Acesso em: 14 out. 2021.
- **Os desafios para os Investimentos em Transição Energética na África**
OLANDER, E. [How China's slowing economy will affect African countries.](#) **The Africa Report**, Paris, 24 out. de 2021. Acesso em: 06 nov. 2021.
[The State of Climate Tech 2020 – The next frontier for venture capital.](#) **PWC**, [s.l.], 09 set. 2020. Acesso em: 06 nov. 2021.
- **A disputa de fronteira marítima entre Quênia e Somália**
[ICJ rejects Kenya case in Somalia maritime border row.](#) **BBC**, Londres, 12 out. 2021. Acesso em: 04 nov. 2021.
[ICJ verdict on maritime border a fresh test for often shaky Kenya-Somalia ties.](#) **The East African**, Nairobi, 12 out. 2021. Acesso em: 04 nov. 2021.
- **Crise e insegurança energética na Europa: causas e desafios**
COHEN, A. [Europe's Self-Inflicted Energy Crisis.](#) **Forbes**, Jersey City, 14 out. 2021. Acesso em: 4 nov. 2021.
BATESON, I. [Nuclear power: Are energy price hikes prompting a German rethink?.](#) **Deutsche Welle**. 24 out, 2021. Acesso em: 4 nov. 2021.
- **Os desafios enfrentados pelo Estado libanês na atualidade**
GROSS, J.; FABIAN, E. [IDF drone crashes in Lebanon: Hezbollah claims to shoot it down.](#) **Times of Israel**, Jerusalém, 30 set. 2021. Acesso em: 2 nov. 2021
[Palestinians down Israeli quadcopter in West Bank - report.](#) **The Jerusalem Post**, Jerusalém, 1 out. 2021. Acesso em: 10 out. 2021
- **Oportunidades e desafios para as relações Rússia-Nigéria**
KLOMEGAH, Kester K. [What Do Russia And Nigeria Share In Common? – OpEd.](#) **Eurasia Review**, [s.l.], 01 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
SUMAINA, K. [Mining: FG. Russia Deepen Bilateral Relations to Develop Sector.](#) **This Day**. Lagos, 04 out. 2021. Acesso em: 05 out. 2021.
- **As "armas invencíveis" da Rússia**
BISHT, I. [Russia Tests Submarine-Launched Tsirkon Hypersonic Missile.](#) **The Defense Post**, [s.l.], 05 out. 2021. Acesso em: 14 out. 2021.
[Russia test-fires new hypersonic missile from submarine.](#) **ApNews**, Moscou, 04 out. 2021. Acesso em: 14 out. 2021.
- **Uma incursão não pacífica em Taiwan seria viável para Pequim?**
WESTCOTT, B. [China isn't about to invade Taiwan. But the two sides are on a dangerous path.](#) **CNN**, Taipei, 16 out. 2021. Acesso em: 28 out. 2021.
- **'Yes': Biden says US would defend Taiwan against China.** **Al Jazeera**, Doha, 22 out. 2021. Acesso em: 28 out. 2021.
- **A estratégia da indústria de defesa sul-coreana para se tornar uma potência em exportações**
GREVATT, J. [South Korea aims high on defence exports.](#) **Janes**, [s.l.], 05 out. 2021. Acesso em 05 nov. 2021.
SMITH, J; SHIN, H. [Arriving in fighter jet. S.Korea's Moon urges defence industry growth.](#) **Reuters**, Seongnam, 20 out. 2021. Acesso em 05 nov. 2021.
- **Preocupação ambiental indonésia e o G20**
INDONÉSIA. [G20 Presidency of Indonesia 2022.](#) 2021. Acesso em 05 nov. 2021.
SEPTIARTI, D. [With G20 presidency in hand, Jokowi turns focus to COP26.](#) **The Jakarta Post**, Jakarta, 1 nov. 2021.
- **Investimentos russos na Antártica: reconstrução da Estação Vostok como manutenção de status quo**
[Trouble at the Vostok Station After investing millions in a brand-new polar research complex, Russia faces problems getting it to Antarctica.](#) **Meduza**, Riga, 22 dez. 2020. Acesso em: 16 out. 2021.
[Russia to Spend Billion Rubles to Transport Vostok Station to Antarctic.](#) **Seanews**, São Petersburgo, 01 set. 2021. Acesso em 16 out. 2021.

Os mapas iniciais (pág 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Isadora Novaes e Vitória França

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [More than half of Afghanistan's population faces hunger](#). **NPR**, 06 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes (NOVIDADE EM ALTO RISCO): [Tension in Ethiopia as Tigrayan forces advance](#). **DW**, 07 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- GUINÉ - Golpe de Estado: [West African regional bloc ECOWAS imposes new sanctions on Mali and Guinea](#). **France24**, 08 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- HAITI - Crise estrutural: [Faute de carburant, l'eau de la DINEPA risque de manquer dans plusieurs communes du pays](#). **Le Nouvelliste**, 07 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Saudi-led coalition: Scores of Yemen rebels killed near Marib](#). **TRT World**, 07 nov. 21. Acesso em: 08 nov. 2021
- LÍBANO: Crise estrutural: [Diplomatic row between Lebanon and Gulf states](#). **Daily Sabah**, 08 nov. 21. Acesso em: 08 nov. 2021
- SUDÃO - Golpe de Estado (NOVIDADE NO MAPA): [Sudan: two days of civil disobedience to end military coup](#). **Africa News**, 08 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [ICC to probe Nicolás Maduro administration for possible crimes against humanity](#). **The Washington Post**, 04 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise migratória e tensões com o bloco europeu: [Poland-Belarus border crisis: what is going on and who is to blame?](#) **The Guardian**, 09 nov. 2021. Acesso em: 09 nov. 2021.
- MALI - Instabilidade política: [Why US Is Suspending Ethiopia, Mali, Guinea From Free-Trade Deal](#). **VOA News**, 06 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar Humanitarian Update No. 12 | 5 November 2021](#) - **Myanmar Reliefweb**, 05 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [EU starts mission to train Mozambique](#)

[troops to fight insurgency](#). **Reuters**, 03 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• SÍRIA - Insegurança regional: [Russian attacks on Syria's Idlib spread panic among civilians](#). **Daily Sabah**, 07 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia kicks off next stage of long-delayed elections](#). **Africa News**, 01 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• TUNÍSIA - Instabilidade Interna: [US lawmakers slam Kais Saied as he cements one-man rule](#), 08 nov 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

► EM MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - [Conflito em Nagorno-Karabakh: Karabakh victory opened way for permanent peace, stability in region](#). **DAILY SABAH**. 08 de nov 2021.

• CHILE - Crise política: [Câmara do Chile aprova abertura de impeachment contra Piñera; decisão vai ao Senado](#). **CNN**, 09 nov. 2021. Acesso em: 09 nov. 2021.

• CHINA - Crise energética: Chinese Ripples: [An Evolving Energy Crisis Takes Hold Across Eurasia As Winter Approaches](#). **Radio Free Europe**, 06 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• COLÔMBIA - Crise estrutural: [La guerra y el clientelismo amenazan los liderazgos del Chocó](#). **El Espectador**, 08 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• COREIA DO NORTE - Testes de mísseis: [North Korea stages artillery firing drill, state media says](#). **NBC News**, 07 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• EQUADOR - Crise de segurança pública: [Defensa no descarta atentado terrorista contra radar de Montecristi](#). **El Comercio**, 07 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Maritime exercise Grand African Nemo underway in Gulf of Guinea](#). **DefenceWeb**, 04 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• IRÃ - Tensões com o Azerbaijão: [Azerbaijan-Iran tension highlights Karabakh's energy supplies](#). **Eurasianet**. 5 nov 2021.

• LÍBIA - Em cessar-fogo: [Líbia recebe líderes para promover eleições "transparentes"](#). **Euronews**. 22 out 2021.

• MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [US submarine commander fired after South China Sea crash](#). **Al-Jazeera**, 05 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• MEDITERRÂNEO CENTRAL - Aumento expressivo da travessia de imigrantes: [Mediterranean Situation. Operational Data Portal](#), 17 out. 2021. Acesso em: 19 out. 2021.

• MÉXICO - Crise migratória: [Migrants injured after clashes with National Guard troops in southern Mexico](#). **Reuters**, 04 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• NICARÁGUA - Crise política: [Joe Biden: "Daniel Ortega y Rosario Murillo orquestaron una pantomima de elecciones que no fueron ni libres ni justas"](#). **Infobae**, 07. nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• NÍGER - Aumento da atividade terrorista: [Gunmen ambush and kill 69 in Niger's troubled borderlands](#). **The Guardian**, 04 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021.

• REINO UNIDO: Crise de Abastecimento: [UK fuel crisis: Was eco-petrol really the cause of the nation's shortages?](#) Euro news, 11 out. 2021. Acesso em: 18 out. 2021.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [China Moves to Quash Online Rumors That Taiwan War Looms](#). **Bloomberg**, 03 nov. 2021. Acesso em: 08 nov. 2021

• UCRÂNIA - Tensões transfronteiriças com Rússia: [Diretor da CIA teve rara conversa com Vladimir Putin em visita a Moscou](#). **CNN Brasil**. 08 nov 2021.